

Sinta quem lê, ouve, vê

Tarso Mazzotti, Universidade Estácio de Sá, Programa de Pós-graduação em Educação

Publicado em Carlos da Fonseca Brandão (Organizador). *O lugar das paixões na educação*. Uma abordagem teórico-metodológica. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2011, p. 96-122. ISBN 978-85-89379-66-3

(Revisto em 2012)

Perelman e Olbrechts-Tyteca propõem a renovação da retórica como uma “lógica dos juízos de valores”. Incluem a dialética na retórica, que opera as técnicas argumentativas utilizadas na negociação de significados. Idealmente tais procedimentos são regulados pelo “auditório universal”, daí Plantin afirmar que a teoria da argumentação neutraliza a persuasão, pois afasta de cena as emoções. Aqui sustento que as emoções integram a teoria da argumentação, mesmo no caso do auditório universal, uma vez que os significados são negociados, o que requer a disposição para ouvir e argumentar. Esta atitude é requerida das pessoas que constituem o auditório universal, o *ethos*, que determina sua identidade. Além disso, o *pathos* também apresenta um caráter de universalidade, tal como as técnicas argumentativas. Assim considerando, afirma que no *Tratado da Argumentação* o *pathos* é examinado no âmbito de cada técnica, pois só há persuasão quando há negociação entre o orador e o auditório por meio do discurso.

Fernando Pessoa (1888-1935), contraditando quem o tomava por psicótico ou *medium*, escreveu os poemas: *Autopsicografia* e *Isto*. Temos também seus apontamentos, publicados postumamente, sob o título “Nota preliminar”, em que comenta as personagens de poetas por ele criadas. O poema *Isto* termina assim: “Sentir? Sinta quem lê!”. São mais conhecidos os primeiros versos de *Autopsicografia*, ainda que muitos sequer lembrem seu título: “O poeta é um fingidor./Finge tão completamente/Que chega fingir que é dor/A dor que deveras sente.”

Fernando Pessoa acompanha os que sustentam a viabilidade de produzir sentimentos, emoções, no outro. Por que o outro se dispõe a sentir o que o poeta busca produzir? Pelo prazer do sentir vicário.

Caso se queira produzir um efeito de purgar, de catarse, apresentase a o conhecido em sua forma, esquema, estrutura. A catarse resulta da disposição do relato dos atos das personagens, compartilhando os sentimentos apresentados de maneira esquemática na forma, mas verossímil, no conteúdo. Uma apresentação que imita os sentimentos, as paixões, por palavras e atos, levando público a sentir o que o autor/produtor da obra propôs. Não se pretende fazer deliberar, mas fazer sentir, emocionar, partilhar o *pathos* (emoção) apresentado a forma de ação que condiciona e determina as personagens (caracteres), sendo possível até uma poética sem caracteres, nos diz Aristóteles (*Poética*, 1450 a, 25-35). Essa técnica intelectual produtiva (*poiësis*), busca efetivar algum efeito no outro, essa é a sua finalidade.

Mas, não há apenas a técnica intelectual produtiva dos dramaturgos, pois a retórica também o é. Porém, a técnica retórica busca

persuadir para que as pessoas deliberem em situações sociais bem definidas: (a) a respeito do futuro (reuniões parlamentares ou assembleias); (b) acerca do passado (nas judiciais); e (c) nas cerimônias em que se delibera concordando, ou não com a censura ou o elogio (discurso epidítico).

Caberia mobilizar as paixões em situações retóricas? As paixões não obscurecem a razão impedindo a deliberação? Górgias de Leontini foi duramente criticado por proceder dessa maneira, por mobilizar os auditórios com discursos bem feitos, belos, apaixonados, conduzindo o povo em direção aos seus objetivos. Resta-nos, de Górgias, o *Elogio de Helena*. Sabemos que Helena, a mais bela das mulheres e casada com Menelau, o rei de Esparta, foi raptada por Páris, príncipe troiano. Como Páris realizou tal façanha? Ele fora convocado por três deusas: Afrodite, Hera e Atena que desejavam estabelecer qual a mais bela. Cada uma procurou persuadir o jovem príncipe, que se rendeu ao proposto por Afrodite, deusa do amor, que lhe ofereceu Helena por esposa. O rapto de Helena produziu a Guerra de Tróia, resultado da vaidade das deusas, do suborno, da incúria, porém os Gregos atribuíram-na a Helena. Como, pergunta Górgias, ela pode ser culpada? Sua beleza não decorreria de qualquer ação pessoal, mas do destino. Seu rapto, da vaidade das deusas; e, do suborno de Páris. Foi raptada, não decidiu. Em lugar de culpada, vítima. Pela urdidura do discurso, por sua composição e eloquência, somos persuadidos da necessidade de absolvição de Helena.

Homero canta, *Ilíada*, essa trama das deusas e o confronto entre gregos e troianos, em que Ulisses sobressai dentre os que têm a habilidade da palavra, do discurso, da negociação, da astúcia, que

partilhava com Penélope, sua mulher. No geral, recordamos de Penélope como uma dona de casa à espera do marido tecendo na vigília, desfazendo o produzido durante a noite. Esquecemos a sua astúcia, que o tecer e o desfazer o tecido é um dos sinais. No reencontro com Ulisses, quando ele já apresentara todos os sinais de não ser um simulacro, Penélope testa-o mais uma vez, e a última, pede que mova a cama de casal para um lugar melhor. Ulisses, com ar perplexo, ou fingindo estar perplexo, diz ser impossível, uma vez que a cama fora esculpida no carvalho que sustenta a casa. O *pathos*, a paixão do casal, vencera todos os obstáculos, movera-os por seus caminhos: o das lutas de Ulisses e a espera astuta de Penélope.

Páris, assim como Aquiles e outros jovens, obscurecem-se pela paixão, pelo desejo; os adultos, dentre eles Ulisses e Penélope, movem-se por outras paixões, não apenas as carnavais, imediatas. A razão controla certas paixões (emoções) em favor de outras. Quais? Precisamos voltar a Aristóteles que lista as paixões: ira, calma, amizade e inimizade, temor e confiança, vergonha e falta de vergonha, amabilidade, piedade, indignação, inveja, emulação (*Retórica*, livro II).

A emoção (*pathos*) em Aristóteles

O que Aristóteles entende por “emoções”?

As emoções [*páthi*] são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer: tais são a ira, a compaixão, o medo e outras semelhantes, assim como as suas contrárias. (*Retórica*, 1378 a)

A retórica é, então, uma técnica de modificar os juízos pela manipulação das emoções dispondo o auditório favoravelmente à tese defendida pelo orador. Isso porque, nos diz Aristóteles (*Retórica*, 1377 b, 1), não basta que o “discurso seja demonstrativo e digno de crédito, mas também que o orador mostre possuir certas disposições e prepare favoravelmente o juiz”. Recorde-se que juiz, aqui, são todos os membros de um auditório ou público (ouvintes, leitores, telespectadores), uma vez que julgam o apresentado ao seu assentimento.

Aristóteles afirma que há três razões, ou causas, que tornam persuasivo um orador “sem necessidade de demonstrações: são elas a prudência, a virtude e a benevolência” (*ibidem*, 1378a). É preciso ter ou aparentar ter essas qualidades, pois inspiram confiança. As duas primeiras (prudência e virtude) são tratadas de passagem na *Retórica*, e a benevolência, uma das emoções, é examinada em seu livro segundo.

As emoções determinam mudanças nos julgamentos, mas de quem? Do orador? Não, daquele que lê, ouve ou vê. Pode-se alterar os seres humanos mobilizando suas emoções conhecendo como sentem, o que possibilita efetivar o que o orador deseja. Se o auditório está tomado pela ira, e o orador pretende que deixe esse sentimento, então necessita saber conduzi-lo pelo discurso ao estado de calma.

Depois de ter apresentado as paixões, Aristóteles estabelece os diversos caracteres das pessoas segundo suas paixões, seus hábitos, suas idades e fortuna (*Retórica*, 1288b, 12). Descreve grupos sociais delimitando o que pode ser persuasivo para cada um deles, como

uma Psicologia Social muito antes de sua instituição. Esses grupos ou caracteres são: do jovem, do idoso, dos que estão no auge da vida, dos nobres, dos ricos, dos poderosos (*ibidem* 1389 a - 1391 b) em que as emoções modulam-se. Elas são delimitadas pelo que se observa naqueles grupos, tendo por meta identificar suas características que permitam persuadir cada qual por seu caráter. Aristóteles não as define como algo em si e por si, como uma essência, mas pelo que *fazem*, o que será utilizado para os efeitos desejados pelo orador. Aristóteles (*Ibidem*, 1378 a) distingue três aspectos nas emoções, apresentando-as a partir da ira, sua forma paradigmática,

[...] em relação à ira, por exemplo, convém distinguir em que estado de espírito se acham os irascíveis, contra quem costumam irritar-se e em que circunstâncias; é que, se não se possui mais do que um ou dois destes aspectos, e não a sua totalidade, é impossível que haja alguém que inspire ira. E o mesmo acontece com todas as outras emoções.

Causas das alterações dos humanos, e introdutoras de mudanças em seus julgamentos, as emoções são apresentadas pelo ponto de vista de quem pretende efetivar as alterações, uma vez que a retórica, assim como a poética, são artes intelectuais produtivas (*poïesis*). Não busca as origens fisiológicas e nem aquém ou além da circunstância do humano existir. Procura apreender como as utilizar para o desejado: a persuasão, na situação retórica; o efeito catártico, na poética, especialmente no gênero tragédia. As paixões definem-se pelo que produzem: alteram os seres humanos, modificam seus julgamentos. Nisso são mais efetivas do que as demonstrações, são aliadas do orador prudente e virtuoso que as utiliza para produzir a adesão às suas teses.

Não há razão sem paixões

O matemático apaixonado pelo teorema a demonstrar; o físico, com seus quebra-cabeças conceituais; o arquiteto em busca da melhor maneira de fazer a luz interagir em sua obra, o mesmo que faz o pintor e o escultor; o músico à procura do som que melhor faça o outro sentir o se quer que ele sintam; cada qual se move por suas paixões. O resultado do que fazem oculta o que os moveu e, por isso, pode aparecer como desprovido de emoções. Não para todos, pois os que se encontram mergulhados em emoções similares identificam o quanto eles se aplicaram para produzirem o que apresentam. As comunidades de matemáticos, físicos, artistas, intelectuais e outros reconhecem-se nas obras apresentadas, compartilham emoções similares. Ingressar nesses grupos, tarefa que seria a da escolarização, requer tornar congruentes suas emoções básicas com as dos demais membros dessas comunidades. Uma vez que a retórica requer a mobilização das paixões, então não há retórica sem elas.

Plantin (2007) teria razão ao dizer que a retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) elide as emoções? Se assim for, então não estabeleceram uma nova retórica, mas uma teoria da argumentação sem emoções, racionalista. Plantin mostrou que a obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca trata de maneira lateral o *pathos*, a paixão, recorrendo à Psicologia. Afirma que para a Psicologia “a emoção inspira [as degradações] da língua’. Essa visão da emoção como deterioração do ato linguístico ecoa as teorias psicológicas da época, para as quais, de maneira geral, a emoção perturba a ação” (PLANTIN, 2007, p. 68-69). Por essa via, o autor acentua o “uso estético dos movimentos afetivos”, ainda que o exame das figuras, de um ponto de

vista argumentativo, introduza sua separação e recomposição que “vai muito mais longe do que uma degradação do discurso” (*Ibidem*). E essa “degradação” pode ser retoricamente utilizada para mimetizar os efeitos de sinceridade, por exemplo. Para Plantin (2007, p. 69), as paixões são tratadas de maneira ambivalente por Perelman e Olbrechts-Tyteca, que sendo “espontaneamente contraproducente, tornam-se positivas, caso permaneçam sob controle”. O *Tratado da Argumentação* oculta as emoções, considera-as uma degradação dos atos da fala, segue, à sua maneira, o papel que se lhes atribui em alguns sistemas filosóficos pós-cartesianos, pois,

Não há retórica sem emoções, sem ação oratória construída em função da ocasião, perante um auditório concreto, o que o *Tratado* faz desaparecer em proveito de uma abstração racionalista: o auditório universal. [...] A experiência mostra que o magnífico repertório estruturado de formas argumentativas, que foi posto à luz por Perelman e Olbrechts-Tyteca, revela-se plenamente operatório; mas, isso é outra história (Plantin, 2007, p. 77-78).

Tal repertório permite expor as formas, ou esquemas, argumentativos abstraindo os condicionantes emotivos mobilizados nos auditores e leitores, neutralizando-os. Não é de estranhar, portanto, que Perelman, em *O Império retórico*, subsuma a dialética na retórica, desta fazendo uma teoria da argumentação, invertendo a posição de Aristóteles.

Argumentação sem paixão

Nessa linha de raciocínio há os que sustentam que as formas argumentativas, nelas incluindo as da retórica, mantêm entre si uma

circularidade que permite passar de enunciados instituídos por meio da persuasão aos próprios da demonstração, sem que percam suas especificidades (Cf., por exemplo, Wolff, 1995; Mazzotti, 1998). Examinemos essa posição, pois não recorre às paixões para afirmar a efetividade da persuasão, tal como sustentara Aristóteles.

Um entimema ou silogismo retórico permanece como tal mesmo quando sua disposição é a mesma da primeira figura dos silogismos demonstrativos, pois não é a forma que o define, mas o que se diz a respeito de algo. O exemplo clássico é o leite ser signo de ter dado à luz: Se X é lactante, então deu à luz. A premissa maior (toda lactante deu à luz) e a menor, o termo médio, (X está lactante), conduz à conclusão (X deu à luz). No entanto, o termo médio, para ser científico, deve explicar as razões pelas quais algum mamífero produz o leite, ou, na linguagem de Aristóteles, dizer suas causas. Pelo que, a premissa maior deve decorrer da demonstração das causas da produção de leite, para afirmar que há uma e uma só situação em que isso ocorre: quando se dá à luz. Em nossos dias, temos evidências que nem sempre a gravidez e o parto são condições necessárias e suficientes para aquela ocorrência, donde o termo médio sustentado no signo (leite como sinal de ter dado à luz) ser insuficiente. Se há casos que invalidam o afirmado no termo médio, então é preciso esgotar todas as alternativas para que a conclusão seja admissível.

O silogismo científico, ou demonstrativo, quando na forma *modus tollens*, requer que o proposto no termo médio seja o único que atenda a condição de ser uma qualidade que se transfere para a conclusão. Por exemplo, verifica-se que o solo está molhado (signo), conclui-se que o percebido foi produzido pela chuva. No entanto,

há outras causas, ou razões, para o solo “estar molhado”, todas devem ser retiradas, restando apenas uma explicativa: choveu. Sem isso, o silogismo será uma falácia, ainda que persuasivo.

Frente a um silogismo retórico os envolvidos na determinação da verdade dos enunciados perguntam-se a respeito das qualidades postas em presença: será que apenas quando se dá à luz ocorre a lactação? A razão da lactação é o dar à luz? Ou, ainda, qual a causa da lactação? Como se produz o leite? Tais questões são próprias da situação dialética, na qual se busca estabelecer a veracidade de alguma afirmação, pelo que se questiona. O mesmo ocorre na situação retórica, pois é preciso estabelecer se as qualidades que orientam uma deliberação são propriedades do assunto em pauta. O exemplo do leite como signo de ter dado à luz nos mostra que o adversário, em nossos dias, pode duvidar dessa evidência, questionar a relação sustentada pelo orador. Assim, as situações retórica, dialética e científica recorrem às formas argumentativas adequadas a cada uma delas. Mas é factível operar essas formas argumentativas segundo as necessidades ou interesses dos envolvidos, passando-se de uma situação para outra.

Uma vez que o questionamento tem por objeto as qualidades postas pelas afirmações, qual a origem dessas qualidades? As qualidades dos temas encontram-se na língua, são os predicados ou categorias que dizem o que algo é. A instituição dessas qualidades estabelece uma rede semântica que circunscreve o assunto, ou seja, condensa e coordena seus significados, o que se faz por meio das figuras, ou esquemas conceituais, ou da língua: metáfora, metonímia e ironia. Esses esquemas são operadores das redes de

significados, não as únicas, há outras utilizadas na comunicação, como a dissociação de noções que também instituem o que se diz ser o real.

Retórica das emoções

Os esquemas que instituem o que se considera ser o “real” não seriam afetivos, não seriam emotivos? Plantin (1999) sustenta que ao se banir as emoções das formas argumentativas, como fazem as teorias da argumentação, perde-se o característico da retórica, pelo que não se compreende a força persuasiva dos discursos. Propõe, então, uma “retórica das emoções”, uma teoria da “argumentação das emoções”. Para ele, os *enunciados da emoção* ligam-se a um *termo da emoção* a um assunto, ou *lugar psicológico*, que se sustenta em argumentos, em enunciados que contêm *traços argumentativos emocionais (pathemas)*. As emoções são tratadas por diversas ciências, como a Psicologia, Neurologia, Fisiologia, porém podem ser analisadas como discursos a partir de três noções da linguística: o *lugar psicológico*, o *termo da emoção* ou *de sentimento*, e o *enunciado da emoção*. Não se trata de verificar a origem psicológica ou neurofisiológica da emoção, mas de como ela opera nos discursos que buscam persuadir. Retoma, assim, o segundo livro da *Retórica* de Aristóteles, todavia com outros instrumentos conceituais que permitem apreender os substantivos, adjetivos e verbos “de sentimento” ou “verbos psicológicos”, pelos quais se constituem os “enunciados da emoção”.

Consideremos, de início, os *termos da emoção*, que definem os *nomes da emoção*, como *terror* ou *medo* que estabelece o *terrível*, o *medroso*

e outros. Estabelece-se um campo de afetividade em que se encontram os nomes das emoções, os sentimentos e os estados emotivos, que são substantivos e adjetivos. A ligação entre eles recorre aos “verbos de sentimento”, como *amar, desprezar, impressionar, agradecer, desagradar, etc.*

Os nomes das emoções, bem como os enunciados, não são autônomos, encontram-se em uma teia de frases que os institui e que são admitidos pelos ouvintes ou leitores. Tomemos um exemplo contemporâneo de instituição de algo com vistas a produzir atitudes: o aquecimento global. O discurso recorre ao *medo*, ao *terror*, afirmando que se nada for efetivado teremos o fim da vida no planeta. Dá por inquestionável o processo de aquecimento global. Prova: um grupo de representantes de governos, reunidos em assembleia pela Organização das Nações Unidas, estabeleceu um consenso a respeito do aquecimento global. Sendo assim, os signos do aquecimento são verdadeiros. Quais signos? Aumento das chuvas, da temperatura média do planeta, incidência de tormentas, furacões, degelo do polo Norte, das geleiras das altas montanhas, extensão do tempo de Verão no hemisfério Norte. São signos, que se apresentam como evidências. Quais as causas? O aumento de dióxido de carbono na atmosfera, que é um gás que produz o efeito estufa. Há outros gases que também contribuem para aquele efeito, bem como o vapor de água. Para os membros da assembleia, o principal indutor do aquecimento global é o dióxido de carbono liberado pela queima de combustíveis fósseis (petróleo), logo é preciso reduzir substancialmente essa emissão. Como as pessoas geralmente desconhecem os modelos ou metáforas utilizadas pelos

cientistas para preverem as ocorrências climáticas, então os comunicadores põem em ação a *tópica do medo* ou *terror*. Mobilizam os sentimentos do público afirmando que o tempo de vida no planeta está se esgotando, que o calor abrasador nos matará em breve. A *tópica do medo* caracteriza-se pela suspensão dos juízos levando as pessoas a julgarem que não há outra alternativa, salvo a de aderir às medidas propostas pelo orador. Mais ainda, silencia os oponentes que são apresentados como insensíveis, incapazes de perceberem o que está em jogo, inimigos da pátria, da humanidade.

A retórica do terror instaura um inimigo que condensa as más qualidades. É o que ocorre com os adversários do consenso a respeito do aquecimento global, que se autodenominam ambientalistas cínicos, que são tratados como irresponsáveis, vendidos para empresas exploradoras de petróleo, estimuladores da depredação da natureza, dentre outros epítetos. Eles são silenciados por se apresentarem como adversários do consenso. Note-se que, em ciência, não cabe a instituição de enunciados com base em consensos políticos. Em ciência, não se silencia os adversários, uma vez que um tema controverso deve permanecer em debate; mesmo os assuntos já estabelecidos podem ser reabertos caso surjam elementos que permitam questioná-los.

Retomemos Aristóteles, uma vez que foi um dos primeiros a examinar o temor, ou o medo, e a confiança (*Retórica* 1382 b - 1383 b). O temor não se apresenta quando um mal, uma adversidade está distante, como a morte que não parece ser iminente. O que se teme é o que tem o “poder de destruir ou de provocar danos que levem a grandes tristezas”, pelo que os “sinais dessas eventualidades inspi-

ram medo, pois mostram que o que tememos está próximo. O perigo consiste nisso mesmo: na proximidade do que é temível” (*Ibidem*, 1382 a, 5). O orador, conhecendo o que provoca medo nos outros, utiliza-se dos signos da eventualidade terrível para defender sua causa apresentando “a esperança de salvação pela qual valha a pena lutar” (*Ibidem*, 1383 a). Aristóteles acrescenta: “[...] o medo leva as pessoas a deliberar, ao passo que ninguém delibera sobre casos desesperados”. Há, pois, um limiar em que o medo sobrepõe à esperança de solucionar o que causa temor, não mais se deliberando quando aquele é ultrapassado. O temor sem esperança produz o desamparo, não se sabe como agir para superar a situação, produz-se o estresse.¹

Michel Meyer (2000, p. XL-XLI) assinala que as paixões, em Aristóteles, são “respostas às representações que os outros concebem de nós, são representações de segundo grau”. Não se trata, como na *Ética a Nicômaco*, do estado de alma de pessoas singulares, porém de “um jogo de imagens, talvez mesmo de imagens recíprocas, antes do que a fonte das reações morais, cujo objetivo seria então o da *Ética*”. As paixões são as teclas que o bom orador toca para persuadir. Se algo é terrível, então é preciso produzir a indignação; se é um delito menor, suscita-se a compaixão.

O que nos faz recordar um artigo de Perelman (Perelman e Olbrechts-Tyteca 1952, p. 47-84), “Ato e pessoa na argumentação”, em

1 Há muitos estudos e pesquisas a respeito do “desamparo aprendido”, conceito proposto por Martin Seligman (1977), que têm desenvolvido modos a evitar aquela situação, o que foi denominado “psicologia positiva” pelo mesmo psicólogo.

que retoma uma crítica de Salomon Asch aos procedimentos utilizados por psicólogos sociais para determinar a influência do prestígio. Os psicólogos perguntam às pessoas a respeito do grau de acordo que dão a um julgamento. Depois, o mesmo julgamento é apresentado novamente às mesmas pessoas alterando a atribuição de autoria, o que, no geral, produz uma mudança nas respostas favoráveis ou desfavoráveis. Perelman (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1952, p. 66-67) assinala que

[...] o julgamento não é o mesmo quando se o atribui a tal ou qual pessoa, ele muda de significação; não é uma simples transferência de valor, mas uma nova interpretação. O julgamento é posto em um novo contexto, o do que se sabe a respeito da pessoa que o enunciou. Os julgamentos, como os atos, interpretamos pelo que sabemos do autor. A influência, reconhecida nos últimos anos, do prestígio e do poder de sugestão manifesta-se de maneira menos irracional e menos simplista do que se acreditava. A interpretação dos atos em função do que se sabe de seu autor nos leva a compreender o mecanismo do prestígio e da transferência de valor que opera da pessoa prestigiosa aos seus atos os mais diversos. “Os gênios salvam suas infâncias!”, escreve Malraux. De fato, quem julga as obras da juventude de um grande artista não pode impedir-se de ver nelas os signos premonitórios de seu grande futuro.

Não estaria aqui a retórica das paixões, das emoções, reivindicada por Plantin? Não é o mesmo que diz Meyer a respeito da característica das paixões na *Retórica* de Aristóteles?

No *Tratado da Argumentação*, Perelman e Olbrechts-Tyteca expõem, em diversas passagens, o papel da relação ato/pessoa; tomemos

apenas uma: as técnicas de ruptura. Dizem (1996, p. 379): “As técnicas de ruptura ou de refreamento entre ato e pessoa não poderão ser utilizadas quanto o ato é considerado simbólico, porque tais técnicas implicam certa racionalidade”. Se há tal implicação, então outras técnicas devem permitir a separação ato/pessoa sem apelar para um esquema pensado, racional, ou que não pareça ser assim. É o que aqueles autores apresentam na p. 380:

A conduta de um indivíduo pode desonrar o grupo, se ele desonra também o indivíduo é porque acarreta sua exclusão do grupo e, no limite, do próprio grupo humano. Consideram-no pestífero, cuja contaminação simbólica temem. Isso se traduzirá juridicamente pela morte civil; em certos casos, a pressão moral levará ao suicídio.

A honra é um sentimento, uma emoção, ainda que não seja assim nomeada no *Tratado*. Se é fato que o termo “emoção” aparece pouco no *Tratado*, como mostrou Plantin, não é verdade que as paixões estão ausentes. Elas são examinadas nos contextos argumentativos (*ethos-pathos-lógos*), na exposição da eficácia e ineficácia das técnicas de negociação das distâncias entre o orador e o auditório perante a questão acerca da qual é preciso deliberar. Meyer (2000, p. XLI) vai mais longe, ao considerar que há “uma verdadeira dialética passional, que se enreda sempre em retórica com um ajuste das diferenças, das contestações, o qual deve chegar, para que haja persuasão, a uma identidade, o ideal político de toda relação com outrem”.

Plantin considera pertinente uma “argumentação das emoções”, Meyer nos fala de uma “dialética passional”. O primeiro justifica sua posição pelos elementos da língua que instituem os sentimentos, o que não está muito distante das posições de Meyer e de Pe-

relman. Plantin acusa Perelman de banir as emoções do campo da argumentação em benefício do “auditório universal” que não se moveria pelas paixões. O que, segundo ele, apenas reflete a Psicologia da época em que Perelman e Olbrechts-Tyteca produziram o *Tratado*. No entanto, Plantin engana-se, pois no *Tratado* o auditório universal é um ideal regulatório, uma vez que todo discurso dirige-se a auditórios particulares, o que requer que se considere o *pathos* inerente a cada um deles, o contexto retórico.²

O que dizem as pesquisas contemporâneas no que se tem denominado “ciências afetivas”?

Ciências do afeto

Afetos ou emoções são temas de um conjunto de disciplinas reunidas sob a rubrica geral: *ciências do afeto* (*affective sciences*). A nomenclatura é dos organizadores de dois manuais que estabeleceram o *corpus* teórico e metodológicos das pesquisas acerca das emoções humanas e de outros animais: o *Handbook of Affective Sciences*, e o *Handbook of Emotion Elicitation and Assessment*, o primeiro organizado por R. J. Davison, K. R. Scherer e H. Goldsmith (2003), e o segundo por J. A. Coan e John J. B. Allen (2007), ambos publicados pela Oxford University Press.

Gross (2007, p. XI) editou seu *Handbook of Emotion Regulation* por considerar que o surto de pesquisas a respeito do assunto apresenta “certa confusão a respeito da regulação emotiva”, que em parte decorre da dispersão das pesquisas por numerosas disciplinas.

² Agradeço a sugestão de Marcus Vinicius da Cunha, quando da leitura do rascunho, para acrescentar esse engano de Plantin.

Gross, assim como os dois outros conjuntos de organizadores dos manuais acima citados, pretendem contribuir para trazer alguma clarificação do tópico.

Evoco esses manuais por uma razão bem modesta: Plantin afirma que Perelman apoiou-se na Psicologia de seu tempo, todavia não diz qual Psicologia deve ser a base para uma teoria da “argumentação das emoções”. Todavia, os especialistas contemporâneos julgam que as pesquisas na área apresentam confusões, requerendo seu esclarecimento. Sendo assim, qual outra Psicologia seria convocada para atender a demanda de Plantin? Seria a que hoje aparece em textos de divulgação que cristalizaram a noção de “inteligência emocional”?

Sob o nome “inteligência emocional” o grande público recebeu informações a respeito das principais conclusões das pesquisas científicas a respeito do papel das emoções na vida diária mostrando que a razão sustenta-se em condutas afetivas, que sem elas não há como desenvolver a racionalidade. Por mais bem cuidada que tenha sido a tradução das pesquisas para o entendimento comum não se pode esquecer que essa adaptação requer simplificações que, no geral, elidem os aspectos polêmicos próprios da investigação científica. Gross (*supra* citado) resolveu produzir seu manual por constatar uma grande confusão nos estudos a respeito da regulação emocional, e o mesmo buscam os dois outros acima citados. Se entre os cientistas há confusões, como se pode dizer que há uma concepção estável e pertinente acerca das emoções? Mais ainda, em que essa concepção é superior à utilizada por Perelman?

A tópica *afetos*, a da expressão das emoções em animais e nos humanos, tem sido tratada por cientistas das mais variadas disciplinas, e todos têm um precursor: Charles Darwin. Este, em seu *A Expressão das Emoções nos Homens e nos Animais*, publicado em 1872, complementar ao seu *A Origem do Homem e a Seleção Sexual*, de 1871, mostra, entre outras coisas, que as “raças humanas” são uma só, pois as emoções são as mesmas. As variações decorrem da educação ou cultura, não de uma base hereditária diversa. Para Darwin, os comportamentos reativos, como é o caso das emoções, sustentam-se em três princípios: (a) o princípio da associação dos hábitos úteis (direta ou indiretamente úteis); (b) o princípio da antítese; e, (c) o princípio dos atos devidos à constituição nervosa, completamente independentes da vontade e, até certo ponto, do hábito, ou o princípio da ação direta do sistema nervoso. Patrick Tort (1996, p. 1.601) assinala que a “hereditariedade dos hábitos adquiridos é o princípio sobre o qual se fundamenta a teoria darwiniana da expressão das emoções. Alguns atos, de início voluntários, tornam-se habituais, acabando por serem hereditários, podendo, então, produzir-se apesar da vontade”. Fica em aberto, em Darwin, se a compreensão dos atos expressivos dos outros é inata ou adquirida, ainda que ele se incline para a tese da simpatia instintiva, coerente com o desenvolvimento de sua teoria dos instintos sociais.

Esse tema reaparece, em nossos dias, nos estudos interculturais que procuram verificar a expressão emotiva. Matsumoto e Hee Yoo (2007, p. 332-348), revisaram os estudos da emoção entre culturas acentuando os problemas metodológicos envolvidos, e mostraram que as mesmas expressões de emoções, sorrir, por exemplo, são re-

conhecidas por membros de outras culturas, mas cada qual julga diferentemente o que se lhe apresenta. Isso porque, grupos culturais distintos julgam as expressões emocionais, que exporiam as características de personalidades, atribuindo significados diferentes aos usuais em outra cultura. Por exemplo, uma pessoa muito sorridente será considerada frívola, pois se requer a sisudez em todas as situações. É o que Meyer (2000) apresenta como uma *resposta ao outro*, ao que se imagina ser o outro, pelo que a retórica das emoções é uma negociação de significados, sustentada nas redes de significações que utilizamos para categorizar os outros e a nós mesmos. Assim considerando, não se poderia falar de emoções em si e por si? A resposta parece ser simples: as emoções são as mesmas nos homens, mas a cultura regula suas expressões ao determinar o adequado, modulam-nas.

Não é o caso, aqui, de estender esse tema, que foi introduzido para mostrar que os retóricos antigos já o conheciam, ainda que sem os aparatos conceituais contemporâneos. Isso não significa que os estudos atuais sejam desnecessários, inúteis, que pouco ou nada nos ensinem. Significa que os retóricos foram hábeis na constituição da arte de persuadir, logo em como afetar os outros; sintá quem lê, nos diz o poeta Fernando Pessoa.

Concluindo

A arte retórica não pode deixar de lado as emoções reduzindo-se a uma teoria da argumentação, como bem mostrou Plantin. Tal afirmação nos reconduz a Aristóteles, à sua *Retórica*, bem como à *Poéti-*

ca. Uma e outra são técnicas intelectuais produtivas que buscam produzir no outro algum efeito nos outros.

O domínio dessas técnicas tanto serve para afetar os outros quanto para analisar como os outros nos afetam. Compreender os mecanismos utilizados para nos persuadir acerca da efetividade do aquecimento global, por exemplo, é uma necessidade que parece ser premente. É possível que os defensores da realidade daquele fenômeno estejam certos, mas a tática do terror que utilizam não permite, de imediato, o exame do que apresentam. Silenciam oposições, exigem que atuemos nas direções por eles indicadas, como se fossemos um rebanho de cordeiros. Essa e outras manobras retóricas são utilizadas por diversos grupos sociais. Alguns utilizam a ficção, os instrumentos da poética, não para viabilizar a catarse, mas sustentarem teses que passam despercebidas por se apresentarem como imaginárias, ficcionais, com isso reduzem o aparato crítico dos auditores.

Plantin tem razão ao mostrar que há uma tópica dos afetos nos discursos retóricos, que ela precisa ser exposta para melhor apreendermos sua eficácia persuasiva. Mas, não me parece ter razão quando afirma que Perelman e Olbrechts-Tyteca isolaram as emoções para melhor sustentarem a racionalidade “auditório universal”. Se as pesquisas a respeito da expressão e regulação emocional estiverem certas, então é perfeitamente admissível a universalidade afetiva, ainda que ela seja modulada segundo os grandes grupos humanos (*ethos*) ou culturas e, no interior destes, por seus grupos menores.

O “auditório universal”, um ideal regulatório na teoria da argumentação, seria constituído sobre emoções universais? Em caso afirmativo, como identificar essa universalidade? Por meio dos instrumentos linguísticos apresentados por Plantin?

Há outra maneira de verificar universalidade das *paixões*: a recepção de obras literárias originárias de outras culturas. Se nos emocionamos com obras de arte produzidas por outras culturas, então somos por elas afetados. Podemos nos restringir à cultura ocidental, da qual somos parte, e perguntarmos, parafraseando Karl Marx, como é possível que ainda nos encantemos com as tragédias gregas antigas? Marx, responde dizendo que as obras da infância continuam a nos agradar ou afetar, e o mesmo ocorreria com a infância de nossa cultura. Essa metáfora não parece adequada, seria melhor dizer que os esquemas poéticos que expressam os atos das personagens da tragédia, como os de ciúme, ódio, honra, são os mesmos que nos afetam há milhares de anos após terem sido postos em uma tragédia. Não é o que diz Aristóteles em sua *Poética*? Ali encontramos o característico da obra bem resolvida como expressão do esquema ou figura das ações humanas, do que é essencialmente próprio dos atos, das condutas, que nos fazem sentir o que o autor quis que sentíssemos. Primeiro pense em o que deseja que os outros sintam, em como os afetar, depois disponha as partes para produzir o efeito, sinta quem lê, ouve ou vê.

Referências

- COAN, A.; ALLEN, J. B. *Handbook of Emotion Elicitation and Assessment*. Oxford, New York, Oxford University Press, 2007.
- DARWIN, C. A. *Origem do Homem e a Seleção Sexual*. São Paulo, Hemus, 2003.
- DARWIN, C. A. *A Expressão das Emoções nos Homens e nos Animais*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- DAVISON; R. J.; SCHERER, K. R.; GOLDMSITH, H. *Handbook of Affective Sciences*. Oxford, New York, Oxford University Press, 2003.
- GROSS, J. (Editor) *Handbook of Emotion Regulation*. New York, London, The Guilford Press, 2007.
- EISENSTEIN, S. *O sentido do filme*. Tradução: Teresa Ottoni; Apresentação, notas e revisão técnica: José Carlos Alencar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.
- MATSUMOTO, D.; HEE YOO. S. Methodological considerations in the studies of emotion across cultures. In GROSS, J. (Editor) *Handbook of Emotion Regulation*. New York, London, The Guilford Press, 2007, p. 332-348).
- MAZZOTTI, T. B. Representaciones sociales, ‘habitus’ e epistemología genética: contribuciones de la lógica de las significaciones y de la lógica de las acciones a la lógica natural. *Conferencia internacional sobre las representaciones sociales*, Ciudad de México, agosto de 25 a 28 de 1998.
- MEYER, M. Prefácio: Aristóteles ou a retórica das paixões. In ARISTÓTELES. *Retórica das Paixões*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- SELIGMAN, M. E. P. *Desamparo*. Sobre depressão, desenvolvimento e morte. Tradução: Maria Teresa de Araújo Silva e Sílvio Morato de Carvalho. São Paulo: Hucitec e Edusp, 1977.
- TOULMIN, S. *Os usos do argumento*. Tradução: Reinado Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- TORT, P. L’ Expression des émotions chez l’homme et les animaux. In TORT, P. (Dir.) *Dictionnaire du Darwinisme et de l’Évolution*. Paris, Presses Universitaires de France, 1998, tomo I, p. 1601.
- PERELMAN, Ch.; OBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação. A Nova Retórica*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

- PERELMAN, Ch.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Rhétorique et philosophie. Pour une théorie de l'argumentation en philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
- PESSOA, F. *Obras Poética*. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1977 (volume único)
- PLANTIN, C. Sans démontrer ni (s')émouvoir. In MEYER, M. (Coordinateur). *Perelman, le renouveau de la rhétorique*. Paris, Presses Universitaires de France, 2004, p. 65-80.
- PLANTIN, C. La construction rhétorique des émotions. In RIGOTTI, E. (Ed.), *Rhetoric and argumentation*. Lugano (Itália), 1999, p. 203-219, (Proceedings of the IADA International conference, Lugano).
- POE, E. A. Filosofia da composição. POE, E. A. “*O Corvo*” e suas traduções. Organização: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 2000, p. 37-54.
- WOLFF, F. Trois techniques de vérité dan la Grèce classique: Aristote et l'argumentation. Paris: CNRS: *Hermes*, 15 (1), p. 42-72, 1995.